

DEPÓSITO LEGAL
17.AGO.1974

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

1974

1 de Julho

Director: Manuel Figueira

Redacção, administração e oficinas:
R. de «O Seculo», 41 a 63—LISBOA

NÚMERO 1040

ANO 68.º

TELEFONE 362751 — LISBOA ★

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR
TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO AVULSO — 1 ESCUDO



Hugo Pratt: o Humanismo na banda desenhada

Um dos grandes autores mundiais da banda desenhada, o italiano Hugo Pratt, deu, ontem à tarde, na Bertrand, uma sessão de autógrafos, pretexto para animado encontro com alguns dos seus muito admiradores.

qualquer que seja a latitude em que viva, explicam o fundo humanista da sua obra. Mas é principalmente com as minorias rácicas que Hugo Pratt mais

(Continua na pág. 4)

Os jovens conhecem bem a obra e a figura do autor da série «Corto Maltese». Mas, os outros, que sabem de Hugo Pratt e da extraordinária influência que exerceu no renovo da banda desenhada transalpina?

Digamos, para já, que Pratt, criador de uma obra considerável, retrata nas suas históricas figuras humanas de grande ressonância psicológica, como sucede em «Corto Maltese», «Sargento Kirk» e «Wheeling».

Nascido em Veneza em 1927, teve oportunidade, desde a infância, de viajar pelo Mundo fora. Primeira experiência: a Etiópia, então ocupada pelo Exército fascista de Mussolini.

«Por antagonismo com meu pai, defensor da supremacia da raça branca, passei a conviver com crianças etíopes da minha idade, nove anos, afastando-me dos italianos, já impregnados de preconceitos racistas» — revela-nos Pratt, para explicar a influência, decisiva, que tal posição veio a exercer na sua vida e nalgumas das suas obras.

Formação de uma consciência anticolonialista

Depois de África, o continente americano e a Europa. A sua busca permanente em torno do homem e dos seus problemas,

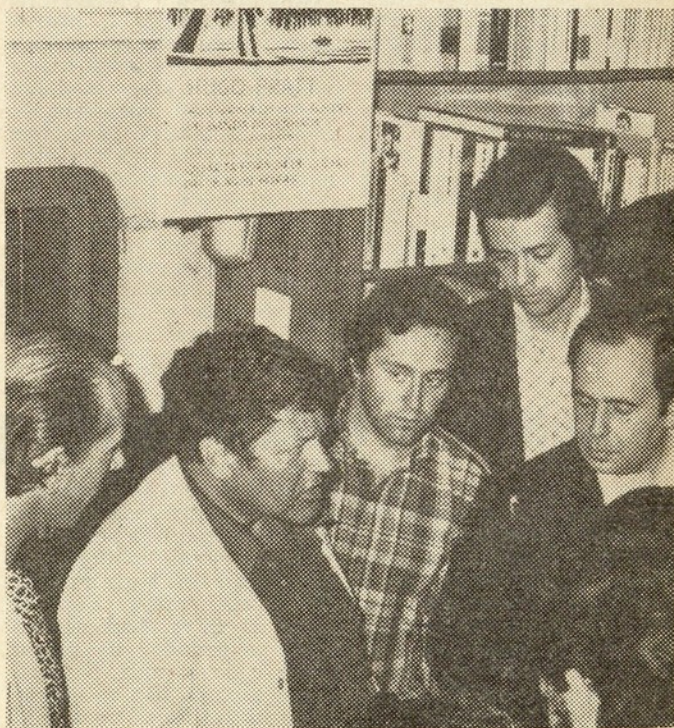


Foto Novo Ribeiro

Hugo Pratt durante a sessão de autógrafos na Livraria Bertrand

Concluiu a comissão de inquérito

Foram mortos ou desapareceram alguns presos do campo de S. Nicolau

LUANDA, 24. — «Pelo menos uma dezena de internados foram mortos ou desapareceram em circunstâncias ainda não perfeitamente esclarecidas e relacionadas com tentativa de evasão ou atitudes de oposição a determinações em vigor no campo» — refere o relatório da comissão de inquérito ao campo de São Nicolau, hoje tornado público por intermédio da Secretaria de Estado da Justiça.

Segundo aquela entidade, o campo não foi criado por qualquer diploma legal, funcionando sem qualquer regulamento escrito, estando a ordem e a disciplina interna ao critério do director, e, por vezes, até do próprio pessoal encarregado de vigilância.

Segundo a comissão eram aplicados sistematicamente aos internados castigos corporais, tais como palmatoadas, chicotadas e coronhadas. Por simples ordem do director, inúmeros internados eram enclausurados durante períodos variáveis em celas de tão reduzidas dimensões que não permitiam ao preso a posição de deitado.

O relatório da comissão refere, ainda: «As condições sanitárias, de alimentação e de alojamento eram francamente más, e, em certas circunstâncias, mesmo desumanas.»

Irregularidades na gestão

Apuraram-se ainda graves irregularidades na gestão administrativa e financeira, mormente entre 1963 e os princípios de 1969.

«Outras, atribuídas a práticas ilícitas, não se mostram ainda perfeitamente definidas, como, por exemplo, a existência dos falados fornos crematórios, que parece revelar-se fantasiosa» — prossegue o relatório. Segundo a Secretaria da Justiça foram tomadas diversas medidas entre as quais: «Denúncia ao Ministério Público de mortes e desaparecimentos de internados, apontando como um dos responsáveis por tal o último director residente no campo. Em face dessa denúncia, foi instaurado o competente procedimento criminal, estando a instrução do respectivo processo confiada

à Polícia Judiciária. Esta Polícia deteve aquele director residente, o qual por motivos de segurança e fim de prevenir qualquer tentativa de evasão se encontra internado em certa cadeia comarcã.»

Ficou provado, ainda, que um agente da P.S.P.A. está, também, implicado na morte de um internado, morte essa executada a tiro, no prosseguimento de actos de crueldade ocorridos após a captura, aquando da evasão.

O agente, segundo o relatório, desempenhava na altura funções de vigilância no campo, e só posteriormente ingressou na P.S.P.A.

Entretanto, por despacho do secretário da Justiça, alargado o âmbito da competência da comissão para investigar actos delituosos praticados em Angola por elementos da ex-P.I.D.E./D.G.S.

Finalmente, a comissão de inquérito continuará «os seus trabalhos em ordem a apurar a completa responsabilidade de todas as irregularidades relacionadas com o funcionamento do campo e serão participados às entidades competentes todos os actos ilícitos criminais à medida que os mesmos forem descobertos». — (ANI)

Fechou-se na casa de banho para dar à luz

Na madrugada de ontem, por volta das 4 horas, os bombeiros foram chamados a uma residência da Rua Nova da Trindade, para arrombar a porta de uma casa de banho, onde uma empregada doméstica dera à luz um menino, que morreria quando era transportado para o hospital.

Afirma-se no relatório elaborado pela P. S. P. que Maria Amélia, de 24 anos, solteira,

natural de S. Romão (Armamar), empregada doméstica, fechou-se na casa de banho ao sentir as dores do parto, e ali deu à luz a criança. A sua patroa, Eugénia Teles da Silva Pacheco, ao ouvir os gemidos da parturiente e da criança, bateu à porta, e como não recebesse resposta, telefonou para o B. S. B. Quando a porta foi aberta, depararam com a empregada e a criança, a qual

não dava sinais de vida. A jovem não confessara a sua gravidez à patroa.

Mãe e filho foram transportados ao Hospital de D. Estefânia, onde a criança chegou já sem vida, sendo o corpo removido para o Instituto de Medicina Legal, para ser autopsiado.

A P. S. P. entregou a jovem e o respectivo processo à Polícia Judiciária, para investigação.

Na Imprensa e no Livro

Perspectiva espanhola da situação portuguesa

Os espanhóis continuam a acompanhar com manifesto interesse a evolução dos acontecimentos em Portugal e a dar-lhes as mais variadas interpretações. Não só nas «calles» e nos círculos políticos se revela essa curiosidade: os meios oficiais também permanecem atentos, embora não se desviem da «Doutrina de Estrada» (a não ingerência nos assuntos internos portugueses).

A extrema atenção que aqui se dedica à situação portuguesa reflecte-se na própria Imprensa, que, diariamente, dá particular destaque ao movimento político que se regista em Lisboa. Na sua quase totalidade, porém, os quotidianos madrilenos não se limitam a assinalar os factos, mas, igualmente, a analisá-los e a interpretá-los, por vezes a partir de dados que os próprios portugueses desconhecirão.

Ainda ontem, por exemplo, o «Ya» dedica amplo comentário à constituição do segundo Governo português, presidido pelo coronel Vasco Gonçalves, escrevendo que, a partir de agora, o País entra numa nova fase de relançamento que, em sua opinião, é irreversível. Registando o facto de o Partido Comunista ter perdido uma pasta no Governo, ganhando em contrapartida «postos inferiores muito importantes» — e referindo que o mesmo sucede quanto ao Partido Socialista — o diário madrilenho considera isso um perigo, por entender que se «confundem os objectivos de democratização do País com a entrega do mesmo nas mãos dos comunistas e socialistas, por mais que eles pretendam encarnar o ideal democrático».

Para o «Ya», a entrada dos militares no Governo é uma

forma de controlar a marcha da execução do programa de democratização, pelo que a vida portuguesa pode seguir pela via segura da progressiva concretização dos objectivos democráticos propostos pelo 25 de Abril, com o sentido de ordem e de autoridade. «Não se pode, porém, — acrescenta o diário —, fechar o caminho às ilusões participativas do povo, depois de se ter feito da Democracia a bandeira de uma situação nova». A literatura, o propósito do novo regime português, também abunda. Assim, nas livrarias, além do livro «Portugal e o Futuro» do general António de Spínola — em versão portuguesa e em tradução espanhola —, podem encontrar-se, pelo menos, mais quatro títulos, todos sobre o golpe militar de 25 de Abril. Qualquer deles acusa algumas imprecisões, embora, de maneira geral, se baseiem nos acontecimentos e nos relatos cronológicos da própria Imprensa portuguesa e de publicações posteriormente editadas em Lisboa. Após uma consulta rápida, o que se afigura mais isento é o intitulado «Portugal, Si», da colecção de bolso de «Cuadernos para el Diálogo».

Nos outros livros há, efectivamente, vastas inexactidões. No que escreveu o jornalista e escritor César de la Lama, que esteve em Lisboa, nos primeiros dias da revolução, pode mesmo encontrar-se uma fotografia com a seguinte legenda: «A esposa e filha do general Spínola, acompanhadas de um oficial das Forças Armadas, abandonam a Cova da Moura, Quartel-General da Junta de Salvação Nacional». Trata-se de uma jovem senhora com, aproximadamente, metade da idade da esposa do Presidente português e de

uma criança com uns 8 anos... Nem é preciso lembrar que o general Spínola não tem filhos...

Non entanto, esse livro possui um curioso e desapaixonado prefácio do embaixador Manuel Aznar, que se ocupa, sobretudo, do problema africano, afirmando que o projecto de uma federação de nações autónomas sob a bandeira portuguesa é, hoje, utópico e não tem qualquer viabilidade nas circunstâncias presentes. «O general Spínola — escreve — chama agora a si o empenho de pôr termo à guerra colonial e de iniciar o processo de autodeterminação. Como De Gaulle na Argélia, E não há razões para pensar que o resultado final seja muito diferente». — A.F.

Ex-freira demasiado «exigente»

HACKEN SACK (NOVA JÉRSIA), 24 — Edward Pitoniak intentou uma acção de divórcio contra a mulher, freira durante 41 anos, alegando que o seu fervor passional ultrapassava as marcas.

Pitoniak, de 57 anos, declarou pretender divorciar-se de Elizabeth, de 59, com quem casou há oito meses, porque não podia aguentar as suas «numerosas e constantes exigências sexuais».

Elizabeth, que exige uma pensão de 1085 dólares mensais, desmentiu as acusações do marido, e declarou não pretender o divórcio. — (R.)

Os Nacionais de Velocidade em remo

Progresso dos juvenis em provas anti-regulamentares

Embora no próximo dia 4 de Agosto ainda tenhamos em acção parte dos nossos remadores seniores defrontando em Lisboa, em «shell», as tripulações da Galiza, no já anunciado Torneio Ibérico, consideramos que, com a realização no Porto, no passado fim-de-semana, dos Campeonatos Nacionais de Velocidade se atingiu o auge da época de remo. Com efeito, estes campeonatos, congregando provas de todas as categorias e em todos os tipos de barcos são, pode dizer-se o principal objectivo da preparação dos remadores nacionais. A própria participação no Torneio Ibérico está condicionada pela classificação neles obtida.

Assim, analisando o que foi este ano a competição máxima do remo português, sobressaem de imediato as condições anti-regulamentares em que se disputaram as duas jornadas: enquanto o Regulamento Geral de Provas da F. P. R. indica expressamente que aquelas se devem efectuar sempre a favor da maré (quando não em águas paradas), por erro da tabela de marés ou por leviandade da organização, tanto no sábado como no domingo, todas as regatas se correram contra a forte vazante do Douro. Este factor condiciona extraordinariamente os resultados que deveriam ser pura expressão do valor relativo das tripulações.

No que respeita ao nível das equipas apresentadas, nota-se em relação ao ano transacto, um certo enfraquecimento nas provas seniores e femininas e um promissor aumento quantitativo e qualitativo na participação dos juvenis.

De facto, as provas mais importantes de seniores (o «quatro» e o «oito») contaram este ano com menos concorrentes: no «shell» de quatro a vitória não deixou de voltar a pertencer folgadoamente ao Caminhense, que, embora com uma tripulação que se nos afigura inferior à do ano passado (a tropa e a emigração fazem-se sentir), não necessitou de se entregar a fundo para deixar para trás o Infante D. Henrique (de Valbom) e os Ferroviários, tripulações nitidamente inferiores às que o Fluvial ou a CUF apresentaram em 1973. No «shell» de oito, na ausência

do Caminhense, até aqui campeão, deu-se a natural vitória do anterior 2.º classificado, o Fluvial do Porto, não sem excelente réplica da CUF, que apenas lhe permitiu um barco de vantagem.

Ainda em seniores, no «skiff», numa regata apenas entre dois olímpicos, Carlos Oliveira (CUF), em excelente final de época, que se segue a um ano de não participação em competições e com uma prova inteligentemente conduzida, impôs-se ao anterior campeão, Lopes Marques, cuja forma actual não nos parece ser a melhor.

Nos juniores, o nível em relação à época transacta foi sensivelmente o mesmo tendo o «shell» de oito proporcionado a que, quanto a nós, foi a prova mais disputada dos campeonatos: despique aceso envolvendo as quatro tripulações concorrentes (Sport Clube do Porto, Associação Naval de Lisboa, Fluvial e CUF) durante a maior parte do percurso, em cuja parte final a Associação e o Sport se destacaram. Do esta última tripulação ficou escassa

sa proa de vantagem na linha de meta.

Abaixamento nítido no nível do «dois» com timoneiro e do «quatro», ambos de juniores.

Em juvenis é como já dissemos, promissor verificar a melhoria geral tanto no número como no índice técnico, das tripulações que se apresentaram nos diferentes barcos, talvez com relevo para o «skiff», em que o concorrente de Angola (que viria a vencer) teve no Caminhense e no Centro de Remo, adversários que com ele muito discutiram o 1.º lugar. Desoladoramente continua a verificar-se a restrição do remo feminino a apenas alguns clubes do Norte (este ano apenas o Infante e o Vila-Condense). É sabido que continua a vigorar a errada ideia de que o remo é só para homens; mas nada se tem feito, sobretudo nos clubes do Sul, para banir essa maneira de pensar, e fomentar nas jovens a prática desta modalidade, doseável à vontade da qual tirariam inúmeras vantagens.

JOAO OLIVEIRA

Banda desenhada

(Continuado da pág. 1)

gosta de conviver, participando, pois, na formação de uma consciência anti-racista e anticolonialista. Assim, tem convivido, intensamente, com várias tribos de índios norte-americanos e, também, com os chavantes, em pleno Mato Grosso. A série «Sargento Kirk» é, precisamente, uma manifestação de profunda compreensão perante os problemas índios nos E. U. A.

«Corto Maltese» é, porventura a sua série mais conhecida.

«Se «Corto Maltese» — diz-nos Pratt — é uma personagem à Joseph Conrad, eu dou-lhe, em contrapartida, a fala de uma linguagem actual e, situando-o neste período histórico, faço-lhe, dele, um precursor. Faço com que ele evolua e reaja como um homem emancipado, um homem do nosso tempo, mas permanecendo uma personagem romântica que apenas vê o universo onde vive. Penso que os leitores podem reencontrar em «Corto

Maltese» aquilo que procuram neles próprios...»

Importante meio de comunicação social

A diversas perguntas avulso, Pratt respondeu, em relação a uma delas, que, na Europa, a banda desenhada está muito desenvolvida em França. «Do-se-lhe a Itália», disse, «e os «comics», disse, «e os autores europeus nada têm a aprender com os autores norte-americanos, precusores das histórias aos quadradinhos».

Referiu-se à banda desenhada chinesa — pela qual manifestou apreço — para considerar que se trata de obras específicas muito diferentes, até no aspecto formal, das ocidentais já que visam à divulgação da História da grande nação asiática e da ideologia maoísta.

Por último, considerou a banda desenhada um dos mais interessantes (e importantes) meios de comunicação social dos nossos dias.